

A loucura na Idade Clássica

Análise do filme *Os Contos Proibidos do Marquês de Sade*

Sandra Caselato¹

ANÁLISE DE FILME

ÁREAS: Psicologia, Psiquiatria, História.

O filme *Os Contos Proibidos do Marquês de Sade* mostra o fim da vida do marquês no hospital de Charenton (França), para o qual foi transferido dez dias antes da queda da Bastilha, e onde morreu, no início do séc. XIX. Sua prisão e o tratamento recebido no hospital retratam a moral burguesa dominante na época, e os métodos empregados para a *cura da loucura*.

O hospital, neste período, é um elemento estrutural *jurídico-policial*, que tem como objetivo excluir do convívio social toda figura considerada amoral pela ordem burguesa (racional e positivista): o mendigo, o ocioso, o pobre, o devasso, o libertino, o blasfemo, o louco – todo aquele que perturba a ordem do espaço social. A internação tem um caráter moral: todos os personagens que representam a desrazão (os *desarrazoados*, os desprovidos de razão) têm o significado de imoralidade e, portanto, devem ser internados, reprimidos, punidos e, se possível, *curados* – e esta *cura* é sinônimo de reabilitação moral.

¹ Acadêmica de Psicologia (Faculdade União das Américas – UNIAMÉRICA), Bacharel em Artes Plásticas (Universidade de São Paulo – USP), Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior (União das Escolas Superiores do Vale do Ivaí – UNIVALE). E-mail: sandra_caselato@hotmail.com

Segundo Foucault (2005), desde a fundação do Hospital Geral de Paris, em 1650, a loucura é tomada como um dos aspectos da desrazão, tendo o significado de imoralidade. O Hospital Geral nasce como uma instância da ordem monárquica e burguesa que se organiza na França nesta época.

A prisão do Marquês de Sade no hospital de Charenton mostra o caráter moral dos internamentos. A honra das famílias e da religião basta para internar um indivíduo e é a própria esposa de Sade que o manda para o hospital. Sade (1740-1814) foi preso por libertinagem excessiva e seus escritos iam diretamente contra a moral burguesa. Sua peça *A Filosofia na Alcova* (1795) é basicamente uma apologia à liberdade individual, levando o conceito ao extremo, onde qualquer crime ou pecado pode ser justificável com base no prazer e nas leis da natureza, desdenhando de toda e qualquer restrição social.²

Sade desenvolve a idéia de que, sendo impossível haver leis superiores às da natureza, é absurdo sugerir que um instinto seja mais criminoso ou virtuoso que outro. Para ele, a única moralidade é a da natureza, que não liga para o absurdo das convenções humanas.³ Assim,

a loucura do desejo, as mortes insensatas, as mais irracionais paixões são sabedoria e razão porque pertencem à esfera da natureza (FOUCAULT, 2005, p. 525).

² Dedicatória da peça: "Voluptuosos de todas as idades e sexos, é somente a vós que ofereço esta obra; alimentai-vos dos seus princípios; eles favorecem as vossas paixões; e essas paixões, de que os frios e insípidos moralistas pretendem afastar-vos, são apenas os meios que a natureza utiliza para levar o Homem a compreender as intenções que ela tem a seu respeito; escutai apenas estas deliciosas paixões; só a sua manifestação vos deve conduzir à felicidade". (<http://www.burburinho.com/20020606.html> - Acesso em 29/10/2007).

³ "A Verdade: / Tudo permite a natureza por suas leis assassinas: / O incesto e o estupro, o furto e o parricídio, / Todos os prazeres de Sodoma, os jogos lésbicos de Safo, / Tudo aquilo que destrói e envia os homens para o túmulo" (PEREIRA, 2007).

No hospício de Charenton as peças de Sade eram encenadas pelos internos, mostrando o antigo hábito de exibir os loucos à sociedade, que vem desde antes da Idade Média.

Colmier, diretor de Charenton, havia organizado, nos primeiros anos do séc. XIX, esses famosos espetáculos em que os loucos representavam ora o papel de atores, ora o de espectadores observados. [...] A loucura torna-se puro espetáculo num mundo sobre o qual Sade estende sua soberania e que se oferece como distração à consciência tranqüila de uma razão segura de si mesma. [...] Os loucos continuam a ser monstros – isto é, seres ou coisas que merecem ser mostrados (FOUCAULT, 2005, p. 147 e 148).

O filme *Os Contos Proibidos do Marquês de Sade* mostra os textos do marquês sendo publicados clandestinamente e amplamente vendidos. Seus escritos chocam o imperador Napoleão, que, para não mandar matá-lo, transformando-o num mártir, chama um famoso médico para *tratá-lo* no hospital. Com a chegada do médico os pacientes passam a ter a *tortura* como método de *cura*, com o uso de uma série de instrumentos correcionais. O tratamento mais humanitário, com o desenvolvimento de atividades lúdicas e artísticas, oferecido pelo abade – anterior responsável pelo hospício – é deixado de lado.

A cura é moral e se dá através da punição, da busca da correção do caráter. O papel do médico no asilo não é o de um cientista que visa a conhecer, mas de um senhor poderoso capaz de delimitar a loucura, dominando-a. O louco é considerado um animal, prisioneiro de sua animalidade, e o asilo visa restituir-lhe a liberdade mediante a recuperação, através da autoconscientização de sua razão, que não estava destruída, mas apenas aprisionada na loucura. As técnicas empregadas são uma espécie de *espelho* posto à frente do louco, que o obriga a tomar consciência de sua atual condição animalesca. Segundo Nalli (2001), esse significado de louco é paradoxal, pois, proveniente da noção de desrazão, em voga na Idade Clássica, traz em si como forças contrastantes a razão e a animalidade. Ser *louco* significa que esse indivíduo está

preso por sua força, por seus traços animais, mas sua razão ainda está presente, embora não evidente.

Segundo Foucault (2005) não é como cientista que o médico ganha autoridade no asilo, mas como sábio. Se a profissão médica é requisitada, é como garantia jurídica e moral, não a título da ciência. Pois o trabalho médico só é uma parte de uma imensa tarefa moral que deve ser atribuída ao asilo, e que é a única que pode assumir a cura do insensato. O médico entra em cena no contexto do Hospital Geral não para atuar sobre o interno como doente, mas para nomeá-lo *incurável*, distinguindo-o dos demais, e assim, protegendo desses detentos os cidadãos livres.

De fato, no filme se vê, após a morte de Sade, a *transformação* do abade em *louco* – classificado como tal pelo médico, e por ele tratado.

Alguns anos após a morte de Sade, o hospital passa por outra transformação: os pacientes passam a trabalhar.

Toda vez que se produz uma crise, e que o número de pobres sobe verticalmente, as casas de internamento retomam, pelo menos por algum tempo, sua original significação econômica. [...] Não se trata mais de [simplesmente] prender os sem trabalho, mas de dar trabalho aos que foram presos, fazendo-os servir, com isso, a prosperidade de todos. A alternativa é clara: mão-de-obra barata nos tempos de pleno emprego e de altos salários; e em períodos de desemprego, reabsorção dos ociosos e proteção social contra a agitação social e as revoltas (FOUCAULT, 2005, p. 67).

O trabalho não é apenas ocupação – deve ser produtivo:

Todos os pobres que são capazes de trabalhar devem fazê-lo durante os dias de trabalho, tanto para evitar a ociosidade, que é a mãe de todos os males, como para acostumar-se ao trabalho e também ganhar parte de sua alimentação (FOUCAULT, 2005, p. 69).

A eficácia do trabalho é reconhecida por ser baseada em sua transcendência ética. O trabalho-punição recebe um valor de penitência e resgate. É simultaneamente um exercício ético e garantia moral. Somente mais tarde o trabalho dos internos é percebido como causador de desempregos nas regiões vizinhas ou em setores similares.

Com esse discurso, o médico, no filme, organiza uma gráfica em Charenton publicando todo tipo de impressos, inclusive as obras de Sade, largamente procuradas após sua morte.

A hipocrisia da moral burguesa é mostrada no decorrer de todo o filme. Sade é preso por libertinagem e comportamento *sádico* – obviamente este termo ainda não existia na época –, enquanto, ao mesmo tempo, são comuns as mortes por guilhotina, sob observação deleitante do povo. Os próprios tratamentos de *tortura* utilizados pelo médico são, em si, comportamentos sádicos.

"Eu sou um libertino, mas não sou nenhum criminoso ou assassino", declarava Sade em suas cartas a Renée-Pélagie (PEREIRA, 2007).

Com suas atitudes Sade aponta para a burguesia a falsidade de seus valores morais, satirizando, por exemplo, o casamento do médico numa peça encenada pelos internos no hospital, em que este é retratado como um libertino. Para a ordem burguesa a família é a instituição máxima e tudo que vá contra ela é considerado loucura e imoralidade. O casamento é algo sagrado e assim, o fato de um médico de meia idade casar-se com uma adolescente de 16 anos e trancá-la durante a noite num quarto sem janelas é perfeitamente aceitável, já que estes se encontram sob o contrato do casamento.

O internamento é colocado pela monarquia à disposição do rigor das exigências da família burguesa.

A instituição familiar traça o círculo de sua razão: para além do casamento surgem como ameaça todos os perigos

do desatino; lá o homem se entrega à insanidade e a todos os seus furores (FOUCAULT, 2005, p. 92).

De acordo com Foucault (2005) a percepção clássica da loucura é caracteristicamente ética. Isso se mostra nas instituições de internamento, respondendo a uma necessidade ética que não era propriamente coesa, mas sim multifacetada: uma ética do trabalho, mas também uma ética sexual e uma ética religiosa que formam, em conjunto, a ética da razão e da desrazão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**: na idade clássica. 8. ed. São Paulo : Perspectiva, 2005.

NALLI, Marcos Alexandre Gomes. Figuras da loucura em Histoire de la Folie. **Psicol. estud.** v. 6, n. 2. Maringá : 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722001000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29/10/2007.

PEREIRA, Renato Pignatari. **Marquês de Sade: sua obra no contexto do séc. XVIII francês**. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra8/sade.html>>. Acesso em 29/10/2007.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA DO FILME

KAUFMAN, Philip. **Os contos proibidos do Marquês de Sade** (Quills). EUA : 20th Century Fox Film Corporation, 2000. 124 minutos (DVD).